

E todavia: artes do possível¹

Recensão a *E Todavia*, de Ana Luísa Amaral

Marinela Freitas

ILCML - Universidade do Porto

*Are you too deeply occupied to say if my Verse is alive?
(...) Should you think it breathed – (...) I should feel
quick gratitude.*

Emily Dickinson (1862)

*I believe that poems are made of words and the
breathing between them: That is the medium.*

Adrienne Rich (2012)

Em E Todavia (2015), voltamos a encontrar a mesma inventividade poética e o mesmo rigor de linguagem que fazem de Ana Luísa Amaral uma das vozes mais consistentes do panorama poético português das últimas décadas. Ainda que haja alguma continuidade com livros anteriores da autora, há sobretudo neste livro uma respiração diferente, mantendo “o verso vivo”, como diria Emily Dickinson.

Perguntaram, um dia, à poeta norte-americana Adrienne Rich como explicava a evolução da sua poesia e o facto de algumas das preocupações que dominavam os seus livros anteriores terem alterado a sua centralidade – não que elas tivessem desaparecido, simplesmente haviam dado lugar a outros centros na sua poesia. A resposta dada por Rich poderia perfeitamente ser aquela dada por Ana Luísa Amaral a propósito do seu livro *E Todavia* – e de outros centros que dele emanam. Dizia Rich: “Eu escrevo por absoluta necessidade interior, respondendo à minha localização no tempo e no espaço, tentando encontrar uma linguagem que a possa igualar” (Rich 2001: 141; tradução minha).

Que Ana Luísa Amaral sempre tenha escrito impelida por “uma absoluta necessidade interior” não será novidade para quem conhece o seu percurso poético, desde a publicação do seu livro de estreia, *Minha Senhora de Quê*, em 1990. Como a própria autora explica numa entrevista recente, escrever “não é nem fácil, nem difícil. É uma condição” (Amaral/Leal 2015). Uma condição de existência que, poderíamos acrescentar retomando a formulação de Rich, responde ou reage à sua localização no tempo e no espaço. Valerá então a pena perguntar: a que tempo e a que espaço responde um livro como *E Todavia*?

Desde logo, ao tempo e ao espaço político e coletivo de um Portugal imerso numa longa e grave crise económica e social, de uma Europa controlada por poderes soberanos e insidiosos, de um planeta à mercê da força homogeneizadora da globalização – questões de que, de resto, Ana Luísa Amaral se tem vindo a ocupar quer como cidadã, quer como poeta (e bastaria pensarmos em alguns dos poemas publicados no seu livro anterior, *Escuro*, como, por exemplo, o poema “Europa” (que é uma belíssima e irónica reescrita da mensagem pessoana), ou o próprio poema com que se abre esse mesmo livro, *Escuro*, intitulado “Das mais puras memórias: ou de lumes”, e que foi primeiro publicado no jornal *Público*, como um gesto de intervenção política e cívica. Lembro três dos seus versos: “Hoje, os jornais nesta manhã sem sol / falam de coisas tão brutais / e tão acesas” (Amaral 2014: 14).

Mas *E Todavia* responde também, por outro lado, a um tempo e a um espaço pessoal e individual, o de uma voz que escreve a partir da sua identidade múltipla e relacional – como todas as identidades o são, de resto –, explorando diferentes pontos de vista – reais ou

imaginados –, mas com um forte potencial de universalidade: ser poeta, mulher, mãe, amiga, cidadã (portuguesa, europeia, ocidental), enfim, ser-se humana. É a partir desta localização, entre a identidade e a alteridade, que Ana Luísa Amaral procura a linguagem mais adequada para interpelar o mundo, interrogando-o, testando-lhe os limites. Um desígnio que está desde logo expresso na epígrafe escolhida para o livro e que é retirada de *Casas Pardas* (1977), romance de Maria Velho da Costa: “Ah que eu possa saber de mim sabendo das coisas” (Costa 1996: 434). É esta demanda incessante de saber de si sabendo das coisas – ou de saber dizer de si dizendo das coisas – que estrutura de certa forma o livro, num movimento complexo que vai do individual ao coletivo, e do íntimo ao cósmico.

E, porém, estas palavras não chegam para dizer da enorme complexidade e riqueza deste livro. Olhemos para o livro a partir de 3 vias diferentes ou 3 ângulos de aproximação, sendo que todos eles se entrecruzam e se entrelaçam, apesar de aqui apresentados separadamente.

1.ª via: Poesia e Vida ou Do som que os versos fazem ao abrir

Um dos primeiros títulos escolhidos por Ana Luísa Amaral para este livro foi *O Som que os Versos Fazem ao Abrir*. O propósito inicial foi abandonado, mas o decassílabo ficou como título de uma das secções do livro, a lembrar um célebre poema de Emily Dickinson, traduzido pela própria Ana Luísa Amaral e que consiste em seis pequenos versos: “Está morta a palavra, /dizem alguns, /mal é proferida. // Eu digo que só /então nesse dia /Ela começa a vida” (Dickinson 2010: 25).

O som que os versos fazem ao abrir – ao serem proferidos, ao respirarem, ao se abrirem a novos significados – é também o som da poesia a abrir-se à vida, a abrir-se ao mundo, sob o signo do imprevisto, do imperfeito e do excedente. Veja-se o primeiro poema do livro, um dos mais emblemáticos, que se intitula “Sons, e alguma vida” (cito apenas o início e o movimento final):

Nunca viveu a sintaxe
de coisa outra
que não fosse

um caos ameaçado

....

Nunca em suma

se obteve

a soma

concluída

Porque a soma

imperfeita

foi o metro

de que se fez a vida

(Amaral 2015: 9-10)

Tanto este primeiro poema, “Sons, e alguma vida”, como o último poema do livro, intitulado “Do som que os versos fazem, com a vida”, e que com ele pode – e deve – ser lido em articulação, dão conta deste duplo movimento que é o da poesia a interromper a vida (“centrando o pensamento”, como se pode ler no poema “As indiferenças nítidas das sílabas”, *idem*: 37) e o movimento da vida a interromper a própria feitura do poema e a tornar-se ela mesma facto poétavel (um processo já identificado por Isabel Allegro de Magalhães na sua leitura de um outro livro da autora, *E se fosse um intervalo*). Atente-se no início do segundo poema de *E Todavia*: “Não fôra a rouquidão / no rugido dos carros a passar, / e o asfalto cruel, / e o desconcerto de haver mesa e cadeiras / ainda desviadas da função devida, // podia aqui ser inventada musa” (*idem*: 13).

Mas esta aproximação entre vida e poesia traz consigo um problema de linguagem: como cantar a vida perante a “desmedida de não ser / igual?” (“Modulações e Cantos”, *idem*: 17). A vida excede a folha, a quadrícula, a esquadria, o mapa (*idem*: 79) e só poderá ser apreendida pela linguagem num processo de falha, de excesso, numa experiência de limite feita “ao compasso do perigo” (“Limites”, *idem*: 63), pois exigir o limite pode significar morrer-se da “pura violência de que é feita / a equação // da vida –” (“Zonas de Risco”, *idem*: 56). E esta é já uma segunda via de leitura.

2.^a via: Poesia e Linguagem ou Das Somas Imperfeitas

Um outro título possível para este livro foi, durante algum tempo, *As Somas Imperfeitas*, pensado a partir de um verso do poema acima citado, “Sons, e alguma vida”. De facto, a reflexão metapóética que se desenvolve neste livro parte sempre da constatação de que a linguagem quotidiana e a sua estrutura binária tradicional é insuficiente para dizer do todo e das suas partes. Como se pode ler em “Reformulações das coisas”, “uma dúvida de tudo / não faz certeza de nada” (*idem*: 68), tal como, lê-se num outro poema, “dois hífen não fazem / travessão // E eu somo, onde consigo, / mar e céu/ e a soma simples dá-me sempre errada” (*idem*: 53). Talvez por isso se faça a apologia do imperfeito ou do incontrolável e se procurem decassílabos arritmados que, embora “correctos na contagem”, só poderão transcender o limitar da “gavota a sete letras // e o mar a três” por artes da “cabala” (“Os momentos intactos”, *idem*: 42). Dito de outro modo, a demanda blakiana de “ver o universo num grão de areia” equivale, na versão de Ana Luísa Amaral, a “Ficar em limiar, / em limpo desapego de esquadria, / o resto: um caos perfeito: / um grão de areia igual / a universo” (*idem*: 38).

Daí que também se recorra a outras linguagens neste livro, como a da matemática ou da física, procurando-se a mais “perfeita económica equação” (“Equações ∞ Sonetos”, *idem*: 39), que permita a irrupção de um momento visionário, cósmico, como se lê num dos poemas mais enigmáticos do livro, intitulado “Da comum claridade” e que se inicia da seguinte forma: “Há um saber qualquer / que há-de ser semelhante ao das estrelas / no seu mais fino fio ausente a colisão: é quando as coisas se ampliam, ou se abrem / ou muito simplesmente / se incendiam” (*idem*: 25). No entanto, de novo nos deparamos com um problema: já não apenas de linguagem, mas de espécie. Veja-se como termina o poema: “Quanto ao humano, /sublunar na sua imperfeição, / cinde-o a maravilha do cuidar, / e só lhe resta: amar – / o que o perfaz, em soma, / igual ao fogo de que é feita / a estrela –” (*idem*: 26).

Ainda assim, estas palavras não chegam para dizer realmente o livro. Tentemos, então, uma terceira via, partindo da questão do humano e da sua capacidade de amar e de cuidar.

3.^a via: Poesia e Humanidade ou E de todas as vias

O título que, de facto, acabaria por ser escolhido para este livro – *E Todavia* – introduz, desde logo, um movimento de suspensão, um impulso adversativo que funciona menos como uma limitação e mais como abertura para um espaço de possibilidade. A própria imagem escolhida para a capa do livro reitera esta leitura: trata-se de uma paisagem do pintor flamengo oitocentista Jacob van Ruisdael, conhecido pelo modo como construía e pensava cuidadosamente as suas composições panorâmicas, sobretudo as suas paisagens com nuvens (as *cloudscapes*, mais do que *landscapes*), dotando-as de tensão através do modo como as nuvens determinavam a luz e a sombra projetada nos objetos.

Ao desdobrarmos a capa deste volume, deparamo-nos com uma paisagem natural um pouco mais soturna, mas onde o azul do céu teima em aparecer. E é precisamente esta tensão entre luz e sombra que o próprio título indicia: e todavia, há sempre luz por entre as sombras; e todavia, há sempre zonas sombrias em todo o espaço em luz. Que é o mesmo que dizer que há sempre um modo de olhar para as coisas de uma outra forma. O que podemos entender como uma nota de esperança... ou simplesmente de resiliência.

Talvez o poema que mais facilmente illustre esta “réstia de luz” que sempre subsiste para o humano – sublunar na sua imperfeição, mas habituado a cuidar e a amar – seja “Pequena Ode, em anotação quase biográfica” (*idem*: 14-16), um dos primeiros poemas do livro. O primeiro verso das sete estrofes iniciais contém uma saudação, que, de certa forma, justifica a conclusão esboçada na última estrofe do poema:

Bom dia, cão e gata

...

Bom dia, sol, que entraste aqui

...

Bom dia, coisas todas que brilham na varanda

...

Bom dia, gente pequenina

...

Bom dia, minha filha, igual a girassol

...

Bom dia, meu sofá

...

Bom dia, a ti também

...

Mesmo no tom cruel

Que é acordar todos os dias

Para um mundo sem sol em tantas mãos,

Mesmo nesse desmando e tão violento curso

Que é o mundo,

Ainda assim, esta pequena anotação

De abrir os olhos e dizer bom dia,

E respirar de fresco o ar de tudo

Em tudo –

E presente-se neste poema a ética de cuidar proposta por Maria de Lurdes Pintasilgo, onde o cuidado e a atenção ao outro têm um papel central – saber ser-se humano é saber ‘ser-com-os-outros’, mesmo quando se habita uma “zona de risco” ou se fala a partir “de um abismo cheio a luz” (*idem*: 83-4).

E é precisamente fruto desse gesto de ‘ser-com-os-outros’ que surgem os poemas agrupados em duas secções que se destacam pelo seu humor corrosivo e pelo tom de crítica incisiva, ao mesmo tempo que ilustram bem que em poesia “todas as vias são possíveis”, e que tudo é poetável. Trata-se da penúltima secção do livro – “Intervalo em Seu Tempo: Receitas para a Crise” – e às 2 Pequenas Fábulas que se lhe seguem. Em Receitas para a Crise, encontramos não só receitas culinárias, por exemplo, de “arroz de tomate (em quantidade incerta)” e de “ervilhas com ovos (dupla dose)” (que para os mais desatentos servirá para ensinar a cozinhar pratos mais frugais e económicos, e para os mais sagazes deixará perceber uma crítica profunda às desigualdades sociais que continuam a dividir pobres e ricos, poderosos e impotentes); e é aí que se encontra também um poema como “Existenciais definições”, onde se pergunta causticamente: “Mas o que quer dizer ser português?” e “será ser portuguesa, tal como português: / destino deslumbrante / e nacional?” (*idem*: 91). Impregnado do mesmo humor corrosivo está a história da toutinegra

que queria ser cotovia ou touti-rosa, no poema “Christmas Carol (adaptada a fábula)” (*idem*: 113), mas que, por força da negligência do Pai Natal e da intervenção desastrosa da Mãe Natal, passou não de toutinegra a touti-rosa, mas a animal com escamas e guelas. Depois, foi forçada a emigrar para outra paisagem onde a sua diferença fosse mais bem-vinda (*idem*: 120), enquanto os poderosos – o Pai Natal já no exílio, e a Mãe Natal no seu trono – continuaram a tricotar o seu poder.

Para não alongar excessivamente este texto, proponho apenas, em jeito de epílogo, uma última via ou trans-via – extemporânea e fora de plano, mas brevíssima.

Última via. Ou trans-via...

Poderia ter optado por falar dos diálogos que este livro mantém com outros livros anteriores de Ana Luísa Amaral, dos poemas que reaparecem, em novas constelações, ou dos que são reescritos ou revisitados aqui e ali. Poderia ter discutido a variedade que o livro apresenta quanto à versificação (sonetos, quadras, decassílabos, alexandrinos) ou precisar a variedade de ritmos, músicas e melodias que estes poemas fazem ao abrir. Ou poderia ter até abordado com mais pormenor a convivência com o comum e com o díspar.

Escolhi falar da variedade de registos, entre a reflexão metapoética e a reflexão política e cívica – ou humana – porque queria dizer sobretudo da “respiração” deste livro, no sentido dickinsoniano do termo. Por outras palavras, do modo como a poesia de Ana Luísa Amaral pulsa de vida, através de uma respiração a espaços mais serena, a espaços mais disfórica e auto-irónica, como convém à vida. Mas sobretudo queria sublinhar essa gota de esperança que reside na possibilidade de a poesia se abrir ao mundo e de com ela irmos sendo, vivendo, resistindo. Aí abrir-se-ia então essa trans-via, que atravessa todas as outras vias, percorrendo-as, como novo caminho. Aquela que se abre à possibilidade de dizermos, como escreve Ana Luísa Amaral, no último poema deste livro:

*talvez por essa gota
se insista
E valha a pena –*

NOTA

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto de pós-doutoramento “SFRH/BPD/105196/2014” financiado por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e pelo Fundo Social Europeu através do Programa Operacional Capital Humano (POCH).

Bibliografia

Amaral, Ana Luísa (2015), *E Todavia*, Lisboa, Assírio & Alvim.

-- (2014), *Escuro*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Ana Luísa Amaral/ Diogo Costa Leal (2015), “Preciso da minha língua em volta”, Entrevista, *Jornal de Notícias*, 30 de Abril, edição online <<http://www.jn.pt/>>

Costa, Maria Velho da (1996), *Casas Pardas*, 4.^a ed., Lisboa, Dom Quixote [1977].

Dickinson, Emily (1986), *The Letters of Emily Dickinson*, 3 vols., Ed. Thomas H. Johnson and Theodora Ward, Cambridge, Belknap-Harvard UP.

-- (2010), *Cem Poemas de Emily Dickinson*, Edição bilingue, Tradução, posfácio e organização de Ana Luísa Amaral, Lisboa, Relógio d'Água.

Rich, Adrienne (2002), *Arts of the Possible: Essays and Conversations*, New York and London, Norton [2001].